



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ISSN: 1806-9584

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de
Comunicação e Expressão da Universidade Federal de
Santa Catarina

Queiroga, Sara; Magalhães, Sara Isabel; Nogueira, Conceição
Vivências e percepções de sexualidade de portuguesas com mais de 65 anos
Revista Estudos Feministas, vol. 26, núm. 3, e46791, 2018
Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação
e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: 10.1590/1806-9584-2018v26n346791

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38157726020>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Sara Queiroga¹

¹Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto,
Porto, Portugal

Sara Isabel Magalhães²

²Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal

Conceição Nogueira²

²Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e
Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal

Vivências e percepções de sexualidade de portuguesas com mais de 65 anos

Resumo: Este estudo objetiva compreender as vivências e percepções sexuais de mulheres portuguesas com mais de 65 anos. Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas a 13 mulheres (sete casadas e seis viúvas), com idades compreendidas entre os 66 e os 85 anos, e a informação obtida foi analisada através do método da análise temática. Desta análise foram construídos 5 (cinco) temas – Percepções sobre papéis de género, Sexo “obrigação”, Sexualidade e envelhecimento, Medos do casamento e da sexualidade e Educação sexual. Para as participantes deste estudo, encarar as alterações provocadas pelo envelhecimento como fim da obrigação sexual ou como uma oportunidade de readaptação sexual está inteiramente relacionado com a relação conjugal em si e com as ideologias que os membros do casal têm.

Palavras-chave: Mulher, envelhecimento, sexualidade, papéis de género, vivências e percepções



Esta obra está sob licença Creative Commons.

Introdução

A humanidade é masculina
e o homem define a mulher não em si mas relativamente a ele;
ela não é considerada um ser autónomo.
Simone de Beauvoir, 1949.

Ao longo dos anos, vários/as autores/as têm centrado a sua atenção sobre os conceitos de “sexo” e “género”, e ainda que, não raras vezes, sejam utilizados como sinónimos, é importante clarificar as suas diferenças. Assim, o termo “sexo” designa as características anatómicas e fisiológicas dos indivíduos, enquanto “género” corresponde à construção social associada a essas características (Maria Luiza HEILBORN, 1997). Deste modo, percebemos que existem diferenças biológicas, mas essas diferenças, em si mesmas, são insignificantes, uma vez que só têm sentido quando interpretadas por cada sociedade. Por outras palavras, não há domínio natural delimitado e distinto do domínio cultural, sendo que os dois se influenciam reciprocamente (Ana Maria CORREIA, 2009).

De acordo com Lúcia AMÂNCIO (2001), o género, enquanto representação social “dá sentido à nossa identidade sexual e às dos outros, aos objetos e aos contextos sexuais” (p. 16). Segundo Amâncio, a abordagem do género, ao restringir-se aos níveis intrapsíquico e interindividual, não permite a compreensão dos seus significados, nem da forma como sinaliza e organiza os comportamentos e as relações sociais com os outros e com o mundo. Conceição NOGUEIRA (2001) postula que, como processo social, o género assume uma vertente relacional, construída de forma complexa e instável pelas partes interdependentes. Estas relações de género, ainda que hoje sejam formuladas de forma mais dinâmica e integrativa, “implicam divisões assimétricas (...) de atribuições de traços de capacidades, que criam dois tipos de pessoas, homem e mulher, que são encarados como categorias exclusivas: só se pode ser de um género” (p. 241). Pensamento, este, de cariz essencialista, oposicionista e de exclusão que permanece como o mais presente nas formulações e representações sociais da população em geral. Até aos dias de hoje, ainda que socialmente se postule uma mudança do paradigma, a dimensão relacional do género caracteriza-se pela dominação de uma parte sobre a outra. Ou seja, as relações (assimétricas) de género são definidas e controladas por um dos lados – o masculino (Karen GIFFIN, 1994; NOGUEIRA, 2001; Amílcar FILHO, 2005).

Sexualidade e envelhecimento no feminino

Na criação de dois lados opostos e fixos na sua oposição, a dimensão da sexualidade não é descurada. Esta dimensão é definida como a energia que nos motiva a procurar amor, ternura, intimidade (Organização Mundial de Saúde, 2006 *in* Cristina CARVALHO, 2008), mas não se limita às situações românticas ou amorosas (Valentim ALFERES, 2002). Assim, esta engloba as emoções, a intersubjetividade, a proximidade a outra pessoa e, ainda, a sensação de estar vivo (Deborah TOLMAN, 2002). Mas a vivência desta energia apresenta diferenças de géneros, uma vez que não se circunscreve apenas à maturação reprodutiva, mas compila os padrões sociais e pessoais característicos de relações de intimidade ao longo do ciclo de vida (Sara MAGALHÃES, 2011). Neste contexto de contraste e no sentido de uma compreensão mais ampla do conceito e dos fenómenos que lhe estão associados, importa perceber que a sexualidade tanto está relacionada com o corpo e com a anatomia como com construções sociais e históricas (CORREIA, 2009). Deste modo, constatamos que a homens e mulheres não são permitidas as mesmas atitudes e comportamentos sexuais, sendo que a eles está geralmente associada a atividade e a

elas a passividade (Anthony GIDDENS, 1992; GIFFIN, 1994; Helena ALTMANN, 2007; Guita Grin DEBERT, 2014; Bianca FILEBORN *et al.*, 2014).

Associando a vivência sexual e o processo de envelhecimento, facilmente se percebe que, até meados da década de 70, existia um desinteresse científico pelo estudo desta dimensão na população mais idosa. Este desinteresse devia-se, essencialmente, à homogeneização social das experiências dos indivíduos idosos (Rute BACELAR, 2002) e aos preconceitos que caracterizam as representações sociais da vivência sexual no envelhecimento (Doris VASCONCELLOS *et al.*, 2004). No entanto, atualmente, com as novas definições de envelhecimento, este paradigma de desinteresse tem-se alterado, surgindo cada vez mais autores/as a investigar esta dimensão (e.g. VASCONCELLOS *et al.*, 2004; Gilles TRUDEL *et al.*, 2010; Julia HEIMAN *et al.*, 2011; Manuel CABRAL *et al.*, 2013; Peggy KLEINPLATZ *et al.*, 2013). Contudo, é importante não esquecer que ainda há um longo caminho a percorrer no sentido de pôr fim aos preconceitos existentes neste domínio.

Assim é notório que, no contexto social em que vivemos, a mulher idosa é alvo de um vasto conjunto de preconceitos associados à sua vivência sexual, ao seu género e à sua idade. Ao nível internacional são de destacar estudos como os de Jeanne SHEA (2011), Ana C. WOLOSKI-WRUBLE *et al.* (2010), ou Okjong YUN, Miyoung KIM, e Seung Eun CHUNG (2014), que abordam a vivência sexual das mulheres idosas; os de Dino DE LORENZI e Bruno SACILOTO (2006) ou SHEA (2011) sobre a frequência sexual; ou os de BACELAR (2002) ou Luciana LAGANÀ e Michelle MACIEL (2010) sobre o desejo sexual. Existem ainda estudos centrados na satisfação sexual, como os de WOLOSKI-WRUBLE e seus colaboradores (2010); nas representações sobre sexualidade de Vanessa BALDISSERA e Sónia BUENO (2010) ou de Virginie RINGA e colaboradores (2013); na influência da menopausa com Sharon ROSTOSKY e Cheryl TRAVIS (2000), Joy BARBRE (2003), Sezer KISA, Simge ZEYNELOG e Nurgul OZDEMIR (2012) ou Virginie RINGA e seus colaboradores (2013); na importância da educação para a saúde, donde se destaca o trabalho de BALDISSERA e BUENO (2010), e mesmo sobre o surgimento do termo *cougar* com Beth MONTEMURRO e Jenna SIEFKEN (2013). Em Portugal, a sexualidade da mulher idosa tem sido pouco estudada, considerando que no quadro nacional os estudos que abordam a temática são referentes à vivência sexual da população em geral (Pedro FERREIRA, 2010a) ou dos idosos (Marta COSTA, 2009; Lídia OLIVEIRA, 2012; CABRAL *et al.*, 2013), separadamente, e não especificamente a vivência feminina como um todo, como nos propomos.

Percursos de vida e ditadura: contextualização do Portugal dos anos 1960/70

Considerando que a realidade vivida e estudada é altamente influenciada “pelo sistema de valores e pela trama das relações sociais de poder, incluindo as relações sociais de género, estabelecidas em cada época e lugar” (Teresa PINTO; Teresa ALVAREZ, 2014, p. 9), é fundamental fazer uma contextualização histórica de Portugal, especificamente na fase da juventude das participantes deste estudo, ou seja, durante os anos 60 e 70.

Durante o período de 1926 até 1974, Portugal viveu sob um regime ditatorial instaurado por António de Oliveira Salazar e caracterizado pela implementação de políticas de austeridade, que, embora tenham contribuído para equilibrar a economia do país, levaram ao empobrecimento da população. As principais ferramentas utilizadas para manter o regime eram o medo e a ignorância e, para mantê-las, recorria-se a medidas como proibir a criação de partidos políticos, proibir a liberdade de expressão, proibir as eleições livres, censurar todos os documentos que apresentassem ideias diferentes das do Estado, criar a PIDE (Policia Internacional de Defesa do Estado) entre outras (NOGUEIRA, Luísa SAAVEDRA; Sofia NEVES, 2006).

A repressão era ainda visível pela uniformização de objectivos e práticas sociais, baseadas no lema do regime: “Deus, Pátria e Família”. Este incentivava não apenas a uma religiosidade e à lealdade à Pátria (e ao regime), mas também enaltecia a importância do sistema familiar como centro de (des)envolvimento social. Assim, estimulava-se o casamento religioso e a relação marital era defendida acima de qualquer valor. O divórcio civil estava vedado, a separação era muito mal vista e as mulheres solteiras e/ou sem filhos eram consideradas “incompletas”. Assim, neste ambiente de ditadura e repressão, as mulheres foram altamente afetadas. Analisando o período em que as participantes do nosso estudo tinham entre 20 a 30 anos de idade é possível constatar que, a nível escolar, o número de mulheres que frequentava o ensino superior era reduzido, representando apenas 29% dos alunos inscritos (apenas 25% concluíram o curso) e 11% da população docente (António BARRETO; Clara PRETO, 1996). Verifica-se ainda que, a nível profissional, as mulheres representavam apenas 20 a 25% do total da população ativa empregada (BARRETO, 2002). Ou seja, a literacia ou o trabalho fora de casa não estava ao seu alcance; a sua obrigação era cuidar da casa e da família.

Neste sentido, num contexto de escassez de investigação e conhecimento científico, principalmente a nível nacional, e não esquecendo que a mulher idosa é alvo de múltiplos preconceitos associados quer à sua idade, quer ao seu sexo/género, propomos perscrutar as percepções e vivências sexuais de um grupo de mulheres portuguesas com mais de 65 anos. Através desta investigação pretendemos contribuir para o aumento do conhecimento científico nas múltiplas temáticas envolvidas, para a amplificação de visibilidade destas experiências, e, consequentemente, para a melhoria da qualidade de vida das mulheres consideradas idosas.

Metodologia

Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 13 participantes, sendo 7 casadas e 6 viúvas (todas em relações heterossexuais), com idades compreendidas entre os 66 e os 85 anos de idade (tabelas 1 e 2).

Ao longo da descrição dos resultados, as participantes serão codificadas do seguinte modo: as casadas com as letras EC e viúvas com EV. Em ambos os casos esta codificação será acompanhada de um número, que irá de 1 a 7.

Tabela 1: Dados demográficos das participantes viúvas

	Idade	Classe Social	Instrução	Ocupação	Residência	Tempo de viuvez	Regime de Contacto
EV1	84	Camada Popular	2º Ano (2ª série EF)	Do lar	Habitação Social	15 Anos	Institucionalizada
EV2	66	Camada Popular	4º Ano (4ª série EF)	Negócios de família	Cidade	5 Anos	Centro de Dia
EV3	77	Camada Média	3º Ano (3ª série EF)	Trabalhador a Doméstica	Cidade	9 Anos	Centro de Dia
EV4	75	Camada Popular	2º Ano (2ª série EF)	Operadora fabril	Habitação Social	16 Anos	Institucionalizada
EV5	68	Camada Média	6º Ano (6ª série EF)	Do lar	Habitação Social	2 Anos	Institucionalizada
EV6	85	Camada Popular	3º Ano (3ª série EF)	Comerciante	Habitação Social	20 anos	Centro de Dia

Tabela 2: Dados demográficos das participantes casadas

	Idade	Classe Social	Instrução	Ocupação	Residência	Outros parceiros	Regime de Contacto
EC1	80	Camada Popular	4º Ano (4ª série EF)	Trabalhadora Doméstica	Habitação Social	Não	Centro de Dia
EC2	75	Camada Média	6º Ano (6ª série EF)	Do lar	Habitação Social	Não	Centro de Dia
EC3	83	Camada Média	3º Ano (3ª série EF)	Do lar	Habitação Social	Não	Centro de Dia
EC4	80	Camada Popular	2º Ano (2ª série EF)	Do lar	Cidade	Não	Centro de Dia
EC5	71	Camada Média	4º Ano (4ª série EF)	Operadora fabril	Cidade	Não	Centro de Dia
EC6	79	Camada Média	6º Ano (6ª série EF)	Do lar	Habitação Social	Não	Centro de Dia
EC7	77	Camada Popular	2º Ano (2ª série EF)	Do lar	Cidade	Não	Centro de Dia

No que respeita o nível de instrução,¹ as participantes têm entre o 2º e o 6º ano de escolaridade (2ª e 6ª séries do ensino fundamental brasileiro). O recrutamento foi levado a cabo no *Centro de Dia da Arrábida*² e na *Casa de Lordelo*,³ e teve em consideração a disponibilidade das participantes e das instituições onde a recolha foi realizada.⁴ O término do recrutamento ocorreu por saturação teórica, ou seja, quando as/os investigadoras/es verificaram que os dados apresentavam alguma redundância (Bruno FONTANELLA; Janete RICAS; Egberto TURATO, 2008) e perceberam que mais entrevistas não iriam melhorar a qualidade da informação obtida, nem levariam a uma compreensão mais detalhada do fenómeno em estudo (George GASKELL, 2002). No que diz respeito ao local de habitação, as participantes residem nas uniões de freguesias de Lordelo do Ouro e Massarelos e de Aldoar, Foz do Douro e Nevogilde e na freguesia de Paranhos, maioritariamente em bairros de habitação social.

Recolha e análise dos dados

Partindo de um paradigma construcionista social e de uma epistemologia crítica, o método de recolha de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada, uma vez que esta se afigura como a metodologia mais eficaz quando se pretende explorar em profundidade as experiências dos indivíduos (GASKELL, 2002).

As entrevistas foram realizadas nas instalações de recrutamento e tiveram uma duração média de 40 minutos. A cada participante foi fornecido o consentimento informado, no sentido de apresentar as linhas gerais deste trabalho e de pedir autorização para fazer a gravação de áudio do momento de investigação.

A análise dos dados obtidos foi efetuada com recurso à análise temática (Virgínia BRAUN; Victoria CLARKE, 2006). Uma metodologia de carácter qualitativo, que consiste na

¹ Usamos nesta descrição a terminologia do ensino português indicando, entre parêntesis, a correspondência ao ensino brasileiro. Todas as participantes frequentaram o ensino básico português ou fundamental brasileiro.

² Esta instituição recebe os/as idosos/as durante o período diurno não tendo qualquer utente institucionalizado.

³ Na *Casa de Lordelo* existem os dois regimes de frequência, ou seja, recebe idosos/as durante o dia para a participação nas atividades do Centro e tem utentes institucionalizados que residem no próprio Centro.

⁴ Nas tabelas descritoras das nossas participantes indicamos, adicionalmente, o regime de contacto – Centro de Dia ou Institucionalização – das participantes com as instituições onde foram realizadas as entrevistas.

identificação, análise e narração de padrões ou temas. Por outras palavras, permite organizar e descrever, de forma rica e detalhada, a informação obtida (BRAUN; CLARKE, 2006).

Embora se tenham seguido as fases propostas pelas autoras, estas funcionaram sobretudo como linhas orientadoras da análise, e não de forma rígida, uma vez que esta deve ser feita de modo flexível e atendendo sempre à questão de investigação (PATTON, 1990 *in* BRAUN; CLARKE, 2006).

Resultados e discussão

A análise dos dados obtidos culminou na construção de cinco temas – 1) Percepções sobre papéis de género, 2) Sexo “obrigação”, 3) Sexualidade e envelhecimento, 4) Medos sobre papéis de género, 2) Sexo “obrigação”, 3) Sexualidade e envelhecimento, 4) Medos

Figura 1: Mapa Temático



do casamento e da sexualidade e 5) Educação sexual (cf. Figura 1) – que aparecem submersos na realidade da vivência marital, sendo que é esta que dá sentido às vivências e experiências das mulheres deste estudo. No sentido de desenvolver uma interpretação mais fidedigna e livre de preconceitos, é fundamental não descurar a complexidade das relações conjugais, e não esquecer que se desenvolvem com base num conjunto de normas socialmente impostas.

1) Percepções sobre papéis de género

Nos discursos das nossas participantes, a visão dicotómica e assimétrica dos papéis de género encontra-se intensamente demarcada (e.g. EV1 e EC7). Ainda que algumas refiram que nos dias de hoje os jovens já se comportam de modo distinto (e.g. EC5 e EC6), estas descrevem as suas relações conjugais como não igualitárias e como sinónimo de muito sofrimento e cansaço da sua parte. É como se o mundo estivesse dividido em masculino e feminino, sendo que nenhum dos dois lados tem possibilidade de mudar (Miguel Vale de ALMEIDA, 1995).

No seguimento desta ideia, o tema “Percepções sobre papéis de género” divide-se em dois subtemas dicotómicos: ser homem e ser mulher. Em cada um deles centraremos a

atenção na percepção que as participantes têm em relação ao papel que cada gênero desempenha ou deve desempenhar, bem como aos seus sentimentos face a esses papéis ou ao incumprimento dos mesmos.

1.1) Ser homem

De modo geral, “o homem” é descrito pelas mulheres deste estudo como o centro de todo o mal. Na sua visão, ser homem é sinônimo de ser mau, mentiroso, traidor, viciado, desinteressado, irresponsável, violento e sexualmente insatisfeito. Tal como refere, por exemplo, uma das participantes: “Um homem não merece sacrifícios. Não merece. Mas é que tanto faz ser Pedro como Paulo, é tudo igual” (EC3). E esta condição – ser masculino – é sugerida pelas participantes como algo que está relacionado com uma dimensão biológica que lhe é “naturalmente” inerente, e que dificilmente seria passível de se alterar. Assim, as nossas respondentes descrevem a aceitação de todos estes atos e atitudes masculinas como algo que lhes é inevitável e como o único recurso que possuem para conseguir alguma harmonia conjugal. Segundo Pierre BOURDIEU (1999), estes comportamentos masculinos inserem-se na noção de virilidade, que corresponde à capacidade reprodutiva, sexual e social dos homens, bem como à sua aptidão para o combate e para o exercício da violência.

Dentro das várias características apresentadas, as mais presentes nos discursos das respondentes são a violência e a sexualidade ativa, sendo que algumas restringem a sua definição de homem a estas dimensões (e.g. EV7 e EC3). Tal como referido anteriormente, estes comportamentos são, também, descritos como incontornáveis e como parte integrante da personalidade do cônjuge.

Relativamente à dimensão da violência, a inevitabilidade do comportamento está, por exemplo, presente no relato de uma respondente, que afirma: “O meu marido é muito nervoso e às vezes enerva-se trata-me mal (...) Eu sei que é de ser nervoso” (EC1). Assim, esta mulher justifica as ações e atitudes violentas do seu marido através da sua condição natural de “nervoso”. Ao apresentarem discursos deterministas, estas mulheres legitimam interações abusivas ao mesmo tempo em que desculpabilizam e desresponsabilizam os seus companheiros.

No que concerne à dimensão sexual, os homens são apresentados como seres sexualmente insaciáveis e incontornáveis. No mesmo sentido, Giffin (1994) refere que caracterizar a sexualidade masculina pela dominação, pelo controlo (sobre o alvo) e pela violência, transforma, uma vez mais, comportamentos aprendidos socialmente em ações forçadas. Assim, o ato sexual passa a ser entendido como uma expressão natural da necessidade que o macho tem de dominar e possuir a fêmea (GIFFIN, 1994).

Em concordância com este racional e demonstrando que as dimensões anteriormente apresentadas podem estar relacionadas, a mesma autora postula que afirmar a existência de um impulso sexual masculino insaciável pode legitimar e desculpabilizar comportamentos violentos a nível sexual e relacional.

Neste contexto de dominação e força sexual, todos os indivíduos que não se enquadram e não obedecem às regras estabelecidas são considerados diferentes – “menos homens” (GIFFIN, 1994). Na nossa investigação encontramos dois comportamentos sexuais masculinos que são descritos pelas respondentes como incomuns, uma vez que se distanciam da sua conceptualização essencialista do “homem”/da masculinidade: a falta de apetite sexual no homem (e.g. EC1) e a manutenção da virgindade masculina até ao casamento (e.g. EC2). Esta visão pode ser entendida quando se considera que as respondentes foram educadas num ambiente em que aos homens era dada uma enorme liberdade para explorarem a sua sexualidade, de modo a diversificarem as suas experiências, por

antagonismo às restrições que lhes eram impostas. Ou seja, a sua boa reputação masculina residia nas conquistas que conseguiam consumir (GIDDENS, 1992).

Contrariando esta visão determinista, essencializada e dicotômica, Almeida (1995) defende que, no quotidiano, estas características não são tão rígidas, ou seja, masculinidade e feminilidade podem ser vividas, não raras vezes, no campo sexual oposto. Assim reconhece que é permitido a cada género apresentar comportamentos, emoções ou atividades características do género oposto, não devendo exercê-las exclusivamente. Acrescentamos que esta visão de maior flexibilidade comportamental surgiu no discurso de algumas das participantes (e.g. EC2, EV6 e EC6), quando descrevem os seus maridos como compreensivos, amorosos e companheiros. Contudo, demonstram uma percepção clara de que estes se enquadram na exceção e apresentam uma noção geral dos homens semelhante da descrita anteriormente.

1.2) Ser mulher

Complementando as ideias apresentadas no subtema “ser homem”, os papéis sociais descritos como femininos centram-se na postura decente e de submissão ao cônjuge, bem como aos seus desejos e necessidades. Esta visão de obediência e submissão enquadra-se em moldes patriarcais que definem o casamento e a necessidade de adequação a este contexto como uma fase primordial da trajetória de vida feminina (Paulo FREIRE, 2014). No nosso estudo esta adequação traduz-se na cedência das suas crenças e vontades em prol da do cônjuge e na preocupação contínua e ativa de manter a harmonia familiar e/ou conjugal: “(...) a gente custou-nos um bocadinho a adaptar ao feitio um do outro, mas depois eu entendi que tinha que ser assim (...) e dizer assim ‘é pedra é pedra, pronto’, embora não fosse” (EV4).

No que respeita a carga de trabalho, percebemos que na mulher recaem não só as obrigações do trabalho profissional (fora de casa), como também as tarefas relacionadas com a dimensão doméstica (cuidar da casa, do marido e dos filhos). Assim se denota que o avanço que foi alcançado no mundo do trabalho (ainda que continue sem ser igualitário) não foi transportado para o universo da casa. Em concordância com os nossos dados, Lúcia GARCIA e Eda TASSARA (2003) perceberam que as mulheres falam com um tom de surpresa sobre os homens que colaboram nas tarefas domésticas e com desconfiança relativamente às mulheres que reivindicam esta ajuda.

Na dimensão da violência, se os homens são descritos como agressores, é necessária a existência de um alvo dessa violência – as mulheres. No papel de vítimas, de uma violência tão generalizada (psicológica, física, financeira, entre outras) que as obriga a uma reestruturação identitária, ainda se preocupam com a manutenção da imagem da família. Esta preocupação traduz-se no silêncio (“Mas eu não queria lá fora que as pedras soubesse o que se passava cá dentro. E eu não queria que nem a pedras sonhassem” [sic] (EV7)) e na desvalorização dos comportamentos violentos (“Olhe eu deixo-o falar, às vezes insulta-me mas eu deixo-o falar (...) A vida da mulher é assim; a gente deixa passar, porque senão há sempre um barulho todos os dias” (EC1)). Com base na literatura, percebemos que este é um fenómeno recorrente, tal como refere Giffin (1994) no seu trabalho: “Embora baseados em definições variadas do fenómeno estudado, 35 estudos de 24 países revelam que entre 20% (...) e 75% (...) das mulheres já foram vítimas de violência física ou sexual dos parceiros” (p. 146). Adicionalmente a este tipo de violência, por estar inserida numa relação de intimidade, tem tendência a ser multifacetada e a piorar ao longo do tempo (HEISE, 1994 in GIFFIN, 1994).

Sexualmente, as respondentes descrevem-se como sendo mais sossegadas e calmas, o que se traduz numa demonstração de falta de interesse e desejo sexual. O seu

comportamento sexual resume-se às respostas que dão perante as necessidades do cônjuge, estando assim impedidas de apresentar iniciativa sexual. Tal como afirma uma das respondentes: “É, porque a mulher era para procriar e esperar que o marido tomasse a iniciativa e tinha que estar ali muito (...) tudo parecia mal. Era uma vergonha a mulher estar a mexer onde não devia” (EC6). Segundo este racional de passividade face aos próprios desejos e reatividade perante as investidas masculinas, as mulheres devem aguardar e preservar-se virgens até que chegue o momento certo. Tanto que, num estudo levado a cabo no Brasil, percebeu-se que, para falar da primeira relação sexual de uma mulher, os termos utilizados são “perder a virgindade”, o que indica um rito irreversível, ou simplesmente “perder-se”, que não expressa apenas a perda de uma condição específica, mas a perda da mulher como um todo (ALTMANN, 2007). O estatuto de ser virgem é tão importante que quem o perde, perde também o seu valor social. Assim percebemos que, na visão das nossas participantes, perder a virgindade fora do casamento ou ter diversos parceiros sexuais é algo condenado para as mulheres, e não para os homens.

2) Sexo “Obrigação”

Percebendo a importância que a dimensão sexual tem na vida destas mulheres, tornou-se imperativo construir um tema que se centrasse apenas nestas questões. Contudo, esta importância não está relacionada com a necessidade de satisfação sexual pessoal, considerando que muitas destas mulheres se descrevem como “sossegadinhas” (e.g. EC5 e EV1), mas com o seu papel de provedoras de satisfação dos seus cônjuges. Tal como Debert (2014) verificou, a dimensão da sexualidade, mais especificamente o ato sexual, assume-se como mais uma das obrigações da mulher perante o seu marido. Do mesmo modo que deve tratar da casa e dos filhos com boa disposição, também deve estar sempre predisposta a satisfazer as necessidades sexuais do marido.

Assim, este tema divide-se em dois subtemas que narram como estas mulheres definem e descrevem as suas experiências sexuais. Começamos por referir a “centralidade do homem” nas suas vivências sexuais e em seguida abordamos os seus “sentimentos face ao sexo”.

2.1) Centralidade do homem

Na descrição do subtema “ser mulher” percebemos que as respondentes se consideram mais sossegadas e calmas a nível sexual e, por esta razão, o seu comportamento sexual se restringe às respostas que dão perante as necessidades dos seus maridos. Contudo, quando exploramos mais pormenorizadamente as experiências e vivências sexuais verificamos que, ainda que assumam obter algum prazer, o ato sexual é encarado como uma obrigação/um dever que têm e não devem descuidar. Uma das respondentes deste estudo refere que existem interações sexuais “Porque casamos, somos mulheres e pronto é a nossa obrigação. Enquanto que eles poderem, enquanto que eles procurarem a mulher, a mulher não se deve negar” (EC3). Assim podemos inferir que a sua falta de iniciativa sexual, mais do que devido a questões biológicas e naturais, se deve ao papel social que integram e colocam em prática. Por outras palavras, reconhecem que a partir do momento em que casam devem satisfazer os seus esposos em todas as dimensões, e a sexual é uma das que assume maior importância.

Noutros estudos sobre a temática, percebemos que esta realidade se multiplica. As vivências sexuais são descritas por um grupo de mulheres como sendo altamente moldadas e, não raras vezes, limitadas pelos comportamentos sexuais dos seus cônjuges. Acrescentam que estes demonstram um desconhecimento face às suas necessidades e preferências sexuais, o que as leva a experienciar uma vida de insatisfação sexual (FILEBORN *et al.*,

2014). Deste modo, as mulheres reconhecem (muitas vezes de forma inconsciente) que a construção da sua identidade sexual é configurada com base na dominação masculina (DEBERT, 2014), ou seja, o homem assume um papel central no que diz respeito a esta construção. Segundo a *Teoria do Auto Silenciamento* proposta por Dana Crowley Jack em 1991 (in NEVES, 2008), as mulheres constroem o seu conceito de *self* com base nas suas relações próximas e íntimas com pessoas significativas, e no sentido de as conservar abdicam das suas necessidades e vontades, ou seja, fazem um silenciamento do seu *self*. Este autossilenciamento exponencia-se à medida que as mulheres integram os esquemas culturalmente associados a papéis femininos, os quais, por sua vez, suscitam comportamentos de autossilenciamento (in NEVES, 2008): “Estes comportamentos acentuam o carácter desigual das relações, bem como consolidam o estatuto de sujeição das mulheres na esfera da intimidade” (p. 81).

2.2) Sentimentos face ao sexo

Tal como vimos anteriormente, à mulher é exigido que preserve a sua pureza sexual até ao casamento e perder este estatuto de “pura” é sinónimo de se perder a si mesma (ALTMANN, 2007). Esta ideologia está tão enraizada nas mulheres deste estudo, que mesmo quando acontece dentro do matrimónio, a primeira interação sexual ostenta um impacto extremamente forte e, geralmente, nefasto: “(...) e eu fiquei no corredor a chorar. Não me queria despir. (...) ‘Anda-te despir e não tenhas vergonha’. ‘Mas eu não quero’. E ele a desapertar-me e eu tirava-lhe as mãos” (EC1). Este momento traz consigo muito medo e sofrimento, uma vez que estas mulheres sentem que estão a abdicar da coisa mais preciosa que possuem. Uma das participantes chega mesmo a afirmar que depois de perder a sua virgindade, a mulher perde o valor que tem (e.g. EC3). Através do seu estudo, Olga BASTOS (1996) percebeu que, ao contrário do que seria esperado, as raparigas jovens continuam a valorizar a virgindade, ainda que com uma mudança do paradigma: se antes apenas era legítimo perdê-la no contexto conjugal, agora pode ser legitimada através do amor.

Posteriormente ao primeiro contacto sexual, as seguintes interações sexuais da maioria das nossas respondentes são dominadas pela vergonha e pelo sentimento de sacrifício. Tal como referido anteriormente, o ato sexual assume-se como uma obrigação que a mulher tem de cumprir, fazendo que esta o sinta como um sacrifício e não como um momento de prazer e intimidade. “Aquilo era um sacrifício (...). E quantas vezes por trás até se chora. Aquilo era quase (...) sei lá. Como às vezes se diz é à pedreiro, servir e deitar fora” (EV7). Em conjunto com este sacrifício, os guiões de género que orientam o seu comportamento levam estas mulheres a viver uma sexualidade controlada e cheia de medos e vergonhas. No seu estudo, WOLOSKI-WRUBLE e suas colaboradoras (2010) constataram que os fatores que contribuem para uma visão mais positiva e otimista da vivência sexual são preliminares antes do ato sexual, boa comunicação sobre sexo com o parceiro e sentir-se relaxada e preenchida após o ato sexual. O facto de as nossas respondentes não apresentarem nenhum destes fatores parece-nos ser a razão que explica os seus sentimentos negativos face à sexualidade.

Deve-se ressaltar que as participantes que se demarcaram deste discurso pessimista e derrotista face à sexualidade (e.g. EC2 e EC5) são as mesmas que relatam relações matrimoniais felizes e construídas com base nalguma reciprocidade.

3) Sexualidade e envelhecimento

Em consonância com o que demonstram diversos estudos sobre a sexualidade no envelhecimento, as nossas respondentes relatam uma alteração das experiências sexuais com o avançar da idade, provocada, maioritariamente, pelas mudanças corporais dos dois membros do casal. Esta alteração caracteriza-se pela diminuição tanto da frequência

como da qualidade das interações. No mesmo sentido, Cabral e as/os suas/eus colaboradoras/es (2013) perceberam que a importância atribuída à sexualidade decai gradualmente com o avançar da idade, sendo este decréscimo mais acentuado no caso das mulheres. Ferreira (2010b) constatou que, quanto à frequência e regularidade da atividade sexual, ocorre uma diminuição durante o processo de envelhecimento para ambos os sexos, ainda que, mais uma vez, esta seja mais significativa no caso das mulheres.

Nos discursos das participantes é notório que, ao falarem das consequências negativas das alterações físicas, estas estão associadas ao ato sexual propriamente dito e não à vivência da sexualidade de forma holística, ou seja, a prática mais valorizada nas suas narrativas é o ato sexual. Assim podemos inferir que, tal como afirmam Baldissera e Bueno (2010), o reducionismo da sexualidade ao sexo, por parte dos dois membros do casal, impede e/ou limita a manutenção das interações sexuais numa fase mais avançada da vida.

Deste modo, percebemos que, perante estas alterações que vêm com a idade, as nossas participantes e os seus cônjuges apresentam duas reações distintas: “adaptação” às novas condições ou “término” das interações sexuais.

3.1) Adaptação

Ainda que assumam a ocorrência de uma diminuição das práticas sexuais, bem como da sua frequência, algumas das nossas participantes relatam uma adaptação na dimensão da intimidade face às mudanças corporais: “O sexo já era totalmente diferente, mas ele, nesse campo, se não houvesse sexo era carinhos que me dava. (...) Sempre nos fomos adaptando” (EV6). Revelam que perante o fim do ato sexual (por incapacidade física do cônjuge), o casal mantém a sua relação de intimidade através de outras práticas, como os beijos, carinhos e toques. Estes dados coincidem com os da investigação de Fileborn e suas/eus colaboradoras (2014), que postulam a continuação da atividade sexual por parte de um grupo de mulheres idosas, mesmo na ausência de penetração. As/os autoras/es perceberam que, mesmo continuando sexualmente ativas, as mulheres não se descrevem como tal, uma vez que não consideram os seus comportamentos como sendo sexuais. Mais uma vez isto acontece devido à redução da sexualidade ao ato sexual, fazendo com que outras formas de intimidade sexual não sejam encaradas desse modo. Estamos em crer que este fenómeno se multiplica no nosso estudo: ainda que relatem uma adaptação ao envelhecimento, as respondentes não percecionam estas práticas como atividade sexual e, conseqüentemente, não se percecionam como sexualmente ativas.

Um fenómeno que se enquadra dentro deste racional de adaptação e que contribuiu para uma vivência mais satisfatória da sexualidade, por parte destas mulheres, é o da despreocupação sexual. Este sentimento surge nas nossas respondentes quando da menopausa, por perderem a sua capacidade reprodutiva. Assim, sentem-se muito mais livres e despreocupadas durante a vivência da sexualidade, uma vez que o medo de engravidar já não existe. Anna FREIXAS, Barbara LUQUE e Amalia REINA (2015) verificaram o mesmo fenómeno no seu estudo, quando perceberam que as suas participantes relataram uma maior satisfação sexual quando deixaram de se preocupar com a possibilidade de engravidarem.

3.2) Término

Contrariando o comportamento de adaptação, algumas participantes relatam uma cessação total das práticas e/ou atividades sexuais. Tal como vimos no subtema “centralidade do homem”, o ato sexual acontece para que as suas necessidades sejam cumpridas. Mas o papel central do homem não se esgota neste domínio: se ele é a razão para a ocorrência de relações sexuais, também o é para o seu término. Assim, quando o

homem perde a sua capacidade de ereção, a vivência sexual do casal termina sem que exista a possibilidade de explorar outras práticas sexuais. Tal como indicam outros estudos (DE LORENZI; SACIOTO, 2006; SHEA, 2011), as principais razões para a abstinência sexual das mulheres idosas são a impotência e os problemas de saúde físicos dos seus cônjuges. Ainda que possam apresentar ideologias liberais quanto à sexualidade no envelhecimento, estas mulheres veem-se impossibilitadas de explorar e vivenciar a sua dimensão sexual.

Debert (2014) percebeu que os homens idosos demonstram um grande interesse em manter uma vida sexual ativa, mesmo em idades mais avançadas. Contudo, esta manutenção está associada à prática da penetração sexual e não a práticas sexuais alternativas. Assim, quando a sua capacidade erétil termina, o mesmo acontece à sua vivência sexual e à das suas companheiras. Tal como Fileborn e colaboradores/as (2014) concluíram, quando a construção de sexualidade se limita ao sexo, as mulheres entendem que o término da vida sexual conjugal acontece quando o homem fica impotente. Deve-se ressaltar que, para as mulheres que encaram o sexo como uma obrigação, o término das interações sexuais se assume como um alívio e uma liberdade há muito desejadas.

4) Medos do casamento e da sexualidade

Neste contexto de valorização do casamento e de perpetuação de papéis de género assimétricos, as mulheres apresentam um conjunto de medos ligados tanto à vivência conjugal como à sexual. Face à vivência sexual, o medo central é o de serem contagiadas por doenças. No que respeita à dimensão conjugal, os medos concentraram-se na viuvez e na separação.

4.1) Doenças

Na dimensão sexual, o medo mais significativos das mulheres é o de serem contagiadas por infeções sexualmente transmissíveis. Este medo surge quando se apercebem que os maridos são infiéis, e que a probabilidade de praticarem sexo desprotegido com outras mulheres é elevada. Nestas situações, a vontade de “permanecerem limpas” sobrepõe-se à sua obrigação de satisfazer sexualmente os seus maridos, e mesmo que isso implique discussões e situações de violência recusam-se veemente a ter relações sexuais. “Livrei-me e de uma peste maligna. Ao menos, sei que ninguém me pega doenças, que ninguém me traz males. Ando limpinha. (...) Acabou a porcaria” (EC3).

Contudo, estes dados são discrepantes relativamente a outros estudos. Maria Manuela PARDAL (1994) verificou que a maioria das mulheres portuguesas “raramente se sentem ameaçadas pela epidemia da SIDA porque não se consideram associadas a nenhum dos grupos com comportamentos de risco” (p. 5). Tal como refere Lyba SPRING (2014), devido à falta de conhecimento sobre sexo seguro e às pobres competências comunicacionais, as mulheres idosas apresentam um risco mais elevado de desenvolverem infeções sexualmente transmissíveis. Deste modo, e contrastando com o paradigma de desconhecimento e desinformação, as nossas participantes demonstram-se esclarecidas quanto à gravidade destas doenças, bem como aos comportamentos que devem evitar no sentido de não serem contaminadas.

4.2) Viuvez

Embora as relações conjugais sejam marcadas pela desigualdade, desrespeito e violência, quando perdem o seu companheiro, estas mulheres relatam sentimentos de sofrimento e de saudade. Como refere uma das nossas respondentes, “embora dissesse que estava cheia de tudo tenho (...) à noite estou sozinha mas tenho uma saudade daquele

homem (...) tenho muitas saudades dele muitas" (EV3). Face à perda do companheiro de uma vida, ainda que este tenha sido a causa de muito sofrimento, veem-se "obrigadas" a uma reconstrução identitária. No mesmo sentido, Viviane BORGES (2007) constatou que, uma vez que os seus papéis principais são ser esposa e mãe, a morte dos maridos é relembrada, pelas mulheres, como um fator determinante, que, não raras vezes, demarca o curso do tempo, criando um momento "antes da morte" e outro "depois da morte".

Face à possibilidade de reconstruir a sua vida amorosa, a maioria das participantes demonstra uma recusa austera, que é justificada pela fidelidade aos seus cônjuges, pela vergonha de dividir vida com um homem "desconhecido" e pela liberdade de decisão e ação que adquiriram e não querem voltar a perder. Esta recusa contraria os dados de Norma LAURENTINO e suas colaboradoras (2006), que perceberam que experimentar um namoro na terceira idade significa ser feliz e ter mais vontade de viver, uma vez que namorar neste fase da vida é sinónimo de cuidado, zelo e dedicação. Constataram que para algumas mulheres esta relação é a única que se baseia no entendimento e no respeito, considerando que não foram felizes no primeiro casamento e nas relações da juventude. No entanto, para que possam vivenciar plenamente este momento da vida

é preciso substituir crenças, mitos e tabus relacionados ao envelhecimento, (...) Saber encarar com maturidade e tranquilidade as mudanças que ocorrem nesse novo momento é a conquista da sexualidade satisfatória nessa fase da vida (LAURENTINO *et al.*, 2006, p. 58).

4.3) Divórcio

Mesmo vivendo relações conjugais recheadas de sofrimento, medo e desrespeito, as mulheres do nosso estudo não equacionam a possibilidade de se divorciarem devido às exigências sociais que lhes são impostas. Por outras palavras, sabem que se se divorciarem ou se se separarem dos seus maridos serão consideradas mulheres menos capazes e estarão sujeitas a julgamentos alheios: "Mesmo a passar mal, que ele batia-me... ele batia-me muito. E eu mesmo assim não me separava, tinha vergonha. Na aldeia era uma vergonha" (EC1). Avaliando as opções que têm, preferem permanecer numa relação desigual e desequilibrada do que passar pela vergonha social de ser "má mulher". Para algumas delas, a capacidade que tiveram e que continuam a ter para aguentar este fardo é relatada com grande orgulho (e.g. EC3).

No seu estudo sobre o divórcio, Anália TORRES (1996) verificou que as mulheres descreviam a fase de pós-rutura conjugal como difícil. Esta dificuldade existe não só pelos aspetos de mudança de estatuto ou do desempenho de uma atividade profissional penosa, mas também pelo sentimento de estigmatização que sofrem. A autora percebeu que as mulheres relataram que as suas mães e colegas de trabalho tendiam a achar que elas tinham reagido de forma exagerada, e não tinham cumprido o seu papel de boas esposas. Esta situação de crítica e falta de apoio contribui para uma dificuldade exacerbada na superação dos obstáculos emocionais, chegando, mesmo, em alguns casos, a reforçá-los.

Constatamos, portanto, que as "perspetivas tradicionalistas que exigem a submissão e o sacrifício das mulheres a situações intoleráveis (...)" (TORRES, 2002, p. 9) fazem parte das vivências das nossas respondentes.

5) Educação sexual

Neste tema apresentamos a visão das nossas respondentes face ao conhecimento e à informação sobre a sexualidade, bem como às mudanças que ocorreram nesta dimensão ao longo do tempo. Assim, percebemos que estas fazem uma clara separação

entre o seu tempo de jovens e a atualidade, formulando um discurso baseado no “antigamente” e no “atualmente”.

5.1) Antigamente

No que respeita ao seu tempo de juventude, as participantes descrevem que a informação que tinham sobre sexualidade era escassa e, muitas vezes, criada com base em mitos e preconceitos e transmitida de geração em geração. Relatam ainda que esta informação assentava uma associação clara entre comportamentos sexuais e papéis de género, o que significa que aprendiam a ter uma postura passiva e submissa também na dimensão sexual. No mesmo sentido, Bacelar (2002) refere que, há poucos anos, à mulher não eram esclarecidas questões relacionadas com a sexualidade, sendo a educação sexual orientada para a procriação e para a negação do próprio prazer, o que não só contribuía para a falta de liberdade e de iniciativa sexual, como também para o aumento do sentimento de culpa face aos seus desejos e pensamentos sexuais (BACELAR, 2002). Júlio VAZ (1996) fala-nos de um contexto social no qual se exercia um controlo muito severo para evitar o convívio entre rapazes e raparigas, e no qual as aulas de Moral serviam para transmitir uma ideologia fortemente repressiva e fóbica em relação à sexualidade.

No processo de envelhecimento, esta informação assume uma importância acrescida, considerando que poderia contribuir para uma melhoria na adaptação às mudanças corporais típicas da idade. Tal como constataram Fileborn e suas/eus colaboradoras/es (2014), muitas mulheres relatam que cresceram num ambiente social no qual não era permitido discutir abertamente as questões associadas à sexualidade, e que essa falta de abertura dificultou a sua adaptação aos novos desafios sexuais provocados pelo envelhecimento. Salientam, ainda, que se sentem censuradas pelos seus pares quando demonstram vontade de discutir assuntos sexuais, uma vez que estes consideram inaceitável que uma mulher idosa pense sobre sexo ou apresente desejo sexual. Este contexto de falta de abertura multiplica-se nas vivências das nossas respondentes, contribuindo para a sua à-vontade na dimensão sexual.

5.2) Atualmente

Em contraste com a desinformação do seu tempo, afirmam que, atualmente, os jovens estão mais esclarecidos sobre a sexualidade e todas as suas especificidades, e que podem recorrer a vários meios – professores, pais, amigos, profissionais da saúde, manuais, internet – para clarificarem as dúvidas que possam ter. Assim, concordam com a visão que postula a passagem de um tempo em que as temáticas associadas à sexualidade eram consideradas tabu, para outro em que todos são mestres sobre o assunto (João António Pinheiro TEIXEIRA, [n.d.]). Face a esta alteração, as respondentes apresentam opiniões distintas, sendo que umas se centram mais nos aspetos negativos da mudança e outras nos positivos.

As participantes que apresentam visões negativas consideram que a maior informação e discussão das temáticas sexuais leva ao desrespeito, à banalização do sexo e à perda de valores sociais fundamentais (e.g. EC3). Esta alteração dos valores tradicionais contribui para comportamentos desregrados e irresponsáveis, principalmente por parte das mulheres. Em concordância com estes dados, Maria Manuela A. SAMPAIO (1987) percebeu que mais de metade dos seus inquiridos sentem que a educação sexual dos seus filhos deveria ser da responsabilidade do casal, sendo que a das raparigas deve ser assumida pelas mães e a dos rapazes pelos pais, garantindo assim a perpetuação de valores familiares importantes.

Na vertente mais positiva, a educação sexual é apresentada como fonte de conhecimento tanto para rapazes como para raparigas, o que, na visão das participantes, contribui para uma liberdade sexual maior, principalmente para as segundas. Coopera ainda na melhoria da relação entre os diferentes géneros e na prevenção de infeções sexualmente transmissíveis e de gravidezes indesejadas (e.g. EC6). Assim como indica Teixeira ([n.d.]), a educação sexual é fundamental, considerando que sem ela o itinerário formativo da pessoa fica incompleto e comprometido e, neste sentido, não há formação integral sem esta componente. Atualmente a educação sexual está integrada em vários espaços educativos, mas para que seja colocada em prática em todas as escolas do país, ainda há um longo caminho a percorrer (VAZ, 1996).

Reflexões conclusivas

Os resultados obtidos permitem-nos concluir que as participantes demonstram uma perpetuação de papéis de género tradicionais, que condiciona a sua vivência sexual, fazendo com que os seus comportamentos sexuais sejam marcados pela modéstia e pela passividade. Por outro lado, nos casos em que a relação marital é construída com base no respeito recíproco e em ideologias mais liberais, denota-se uma adaptação das práticas sexuais, no sentido de uma sexualidade satisfatória para os dois membros do casal.

Ou seja, para as nossas respondentes, encarar as alterações provocadas pelo envelhecimento como fim de uma obrigação ou como uma oportunidade de readaptação sexual está inteiramente relacionado com a relação conjugal em si e com as ideologias que os membros do casal têm.

Face a estas evidências podemos apontar algumas implicações práticas que abrangem o trabalho direto com a população mais idosa, mas também o trabalho educativo com o resto da população. Tanto numa dimensão como na outra, o tema primordial a ser trabalhado é a influência dos papéis de género na delimitação das vivências de homens e mulheres. Por outras palavras, centra-se na desconstrução ou, até mesmo, na destruição de guiões de género que impedem cada indivíduo de se construir livremente, nomeadamente na sua dimensão sexual.

A sensibilidade da temática estudada pode, também, ser apresentada como uma limitação. Devido à privacidade e intimidade que lhe estão associadas, esta temática pode levar a uma renúncia de discussão e reflexão por parte dos participantes (DEBERT, 2014). No sentido de colmatar esta limitação, procuramos criar ambientes de investigação baseados no conforto e na confidencialidade.

Relativamente a estudos futuros, propomos, antes de mais nada, um alargar da população alvo, abrangendo mulheres de classes e contextos sociais distintos. Pretende-se com este estudo atender ao facto de que o contexto e o estatuto social de cada indivíduo condicionam as suas experiências e significações (Henri TAJFEL; John C. TURNER, 1979).

Sugerimos ainda que se procure compreender as vivências sexuais de mulheres solteiras com mais de 65 anos, uma vez que a complexidade da sexualidade humana suporta várias dimensões – biológica, psicológica, ética, social e culturais e dialógicas (CARVALHO, 2008) –, e não se limita à vivência da genitalidade.

Atendendo aos dados do relatório anual de monitorização da violência doméstica de 2013, que relatam que, ao longo desse mesmo ano, foram registadas 27.318 participações de violência doméstica, e aos relatos das nossas respondentes, consideramos que seria pertinente estudar o modo como as mulheres vivenciam e percebem a sua sexualidade numa relação marcada pela desigualdade de género e pela violência conjugal.

Em termos gerais, consideramos que foi possível explorar de forma mais aprofundada as percepções e vivências sexuais de mulheres portuguesas com mais de 65 anos e, assim, contribuir para um aumento do conhecimento científico nas várias temáticas envolvidas, e para o aumento da visibilidade destas experiências.

Referências

- ALFERES, Valentim. *Encenações e comportamentos sexuais. Para uma Psicologia Social da Sexualidade*. Porto: Edições Afrontamento, 2002.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. *Senhores de si – uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim do Século, 1995.
- ALTMANN, Helena. "Educação sexual e primeira relação sexual: entre expectativas e prescrições". *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 2, p. 333-356, 2007.
- AMÂNCIO, Lúcia. "O género na psicologia: Uma história de desencontros e rupturas". *Psicologia*, v. 15, n. 1, p. 9-26, 2001.
- BACELAR, Rute. *O desejo não têm idade: a sexualidade da mulher idosa*. Recife: Fasa, 2002.
- BALDISSERA, Vanessa; BUENO, Sónia. "A representação da sexualidade por idosas e a educação para a saúde". *Revista eletrónica de enfermagem*, v. 12, n. 4, p. 622-629, 2010.
- BARBRE, Joy. "Meno-boomers and moral guardians – an exploration of the cultural construction of menopause". In: WEITZ, Rose. (Eds.). *The politics of women's bodies: sexuality, appearance, and behavior*. 2.ed. New York: Oxford University Press, 2003. p. 271-281.
- BARRETO, António; PRETO, Clara. *Portugal 1960/1995: Indicadores Sociais*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1996.
- BARRETO, António. *Mudança social em Portugal, 1960/2000*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2002.
- BASTOS, Olga. *Eu me perdi!: o significado da virgindade para as adolescentes*. 1996. Dissertação (Mestrado) – Instituto Fernandes Figueira, Rio de Janeiro, Brasil.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Lisboa: Quetzal Editores, 1949.
- BRAUN, Virginia; CLARK, Vitoria. "Using the maticanalysys in Psychology". *Qualitative Research in Psychology*, v. 3, p. 77-101, 2006.
- BORGES, Viviane. "Casamento, maternidade e viuvez: memórias de mulheres hansenianas". *Revista Brasileira de História*, v. 27, n. 54, p. 109-125, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Oeiras: Celta Editoras, 1999.
- CABRAL, Manuel; FERREIRA, Pedro; SILVA, Pedro; JERÓNIMO, Paula; MARQUES, Tatiana. *Processos de envelhecimento em Portugal: usos do tempo, redes sociais e condições de vida*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2013.
- CARVALHO, Cristina. *Guia de educação da sexualidade*. Lisboa: Secretariado Nacional de Educação Cristã, 2008.
- CORREIA, Ana Maria. *Assimetrias de género – Ensino e liderança educativa*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão, 2009.
- COSTA, Marta. *Sexualidade e amor na terceira idade*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), Porto, Portugal.
- DEBERT, Guíta Grin. "Aging, gender and sexuality in Brazilian society". *Anthropology & Aging Quarterly*, v. 34, n. 4, p. 238-245, 2014.
- DE LORENZI, Dino Roberto Soares; SACIOTO, Bruno. "Frequência da atividade sexual em mulheres menopausadas". *Revista da Associação Médica Brasileira*, v. 52, n. 4, p. 256-260, 2006.

- FERREIRA, Pedro. "Parceiros, relacionamentos e trajetórias sexuais". In: FERREIRA, Pedro; CABRAL, Manuel (Ed.). *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*. Lisboa: Editorial Bizâncio. 2010a. p. 55-104.
- FERREIRA, Pedro. "A atividade sexual: frequência, regularidade e inatividade". In: FERREIRA, Pedro; CABRAL, Manuel (Ed.). *Sexualidades em Portugal: comportamentos e riscos*. Lisboa: Editorial Bizâncio, 2010b. p. 19-54.
- FILEBORN, Bianca; THORPE, Rachel; HAWKES, Gail; MINICHELLO, Victor; PITTS, Marian; DUNE, Tinashe. "Sex, desire and pleasure: considering the experience of older Australian women". *Sexual and relationship therapy*, v. 30, n. 1, p. 117-130, 2014.
- FILHO, Amílcar. "Uma questão de género: onde o masculino e o feminino se cruzam". *Cadernos Pagu*, v. 24, p. 127-152, 2005.
- FONTANELLA, Bruno; RICAS, Janete; TURATO, Egberto. "Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas". *Cadernos de Saúde Pública*, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Ninguém é obrigado a permanecer casado: a ruptura do contrato conjugal no conto "Aos sessenta e quatro" de Cíntia Moscovitch*. In: VI SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA, 2014.
- FREIXAS, Anna; LUQUE, Barbara; REINA, Amalia. "Sexuality in older Spanish women: voices and reflections". *Journal of Women and Aging*, v. 27, n. 1, p. 35-58, 2015.
- GARCIA, Lúcia; TASSARA, Eda. "Problemas no casamento: uma análise qualitativa". *Estudos de Psicologia*, v. 8, n. 1, p. 127-133, 2003.
- GASKELL, George. "Entrevistas individuais e grupais". In: BAUER, Martin; GASKELL, George (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som – um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 64-89. ISBN: 8532627277.
- GIDDENS, Anthony. *Transformações da intimidade – sexualidade, amor e erotismo*. Oeiras: Celta Editora, 1992.
- GIFFIN, Karen. "Violência de género, sexualidade e saúde". *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, n. 1, p. 146-155, 1994.
- HEILBORN, Maria Luiza. "Género, sexualidade e saúde". In: SILVA, Dayse (Ed.). *Saúde, sexualidade e reprodução – compartilhando responsabilidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1997. p. 101-110.
- HEIMAN, Julia; LONG, Scott; SMITH, Shawna; FISHER, William; SAND, Michael; ROSEN, Raymond. "Sexual satisfaction and relationship happiness in midlife and older couples in five countries". *Archives of Sexual Behavior*, v. 40, p. 741-753, 2011.
- KISA, Sezer; ZEYNELOG, Simge; OZDEMIR, Nurgul. "Examination of midlife women's attitudes toward menopause in Turkey". *Nursing and Health Sciences*, v. 14, p. 148-155, 2012.
- KLEINPLATZ, Peggy; MÉNARD, Dana; PARADIS, Nicolas; DALGLEISH, Tracy; CAMPBELL, Meghan. "Beyond sexual stereotypes: revealing group similarities and differences in optimal sexuality". *Canadian Journal of Behavioural Science*, v. 45, n. 3, p. 250-258, 2013.
- LAGANÀ, Luciana; MACIEL, Michelle. "Sexual desire among Mexican-American older women: a qualitative study". *Culture, Health & Sexuality*, v. 12, n. 6, p. 705-719, 2010.
- LAURENTINO, Norma; BARBOZA, Daiana; CHAVES, Graziane; BESUTTI, Jovania; BERVIAN, Sandra; PORTELLA, Marilene. "Namoro na terceira idade e o processo de ser saudável na velhice: recorte ilustrativo de um grupo de mulheres". *Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano*, p. 51-63, 2006.
- MAGALHÃES, Sara. *Como ser uma Ragazza. Discursos de sexualidade numa revista para raparigas adolescentes*. 2011. Tese (Doutorado em Psicologia) – Escola de Psicologia da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

- MONTEMURRO, Beth; SIEFKEN, Jenna. "Cougarson the prowl? New perceptions of older women's sexuality". *Journal of Aging Studies*, v. 28, p. 35-43, 2013.
- NEVES, Sofia. *Amor, poder e violências na intimidade – os caminhos entrecruzados do pessoal e do político*. Coimbra: Quarteto Editora, 2008.
- NOGUEIRA, Conceição. *Um novo olhar sobre as relações de género. Feminismo e perspectivas críticas na psicologia social*. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2001.
- NOGUEIRA, Conceição; SAAVEDRA, Luísa; NEVES, Sofia. "Critical (Feminist) Psychology in Portugal. Will it be possible?". *Annual Review of Critical Psychology*, n. 5, 2006.
- OLIVEIRA, Lúcia. *Atitudes sexuais e idadismo na terceira idade*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto (FPCEUP), Porto, Portugal.
- PARDAL, Maria Manuela. *As mulheres e o vírus da SIDA*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, 1994.
- PINTO, Teresa; ALVAREZ, Teresa. "História, história das mulheres, história de género. Produção e transmissão do conhecimento histórico". *Ex Aequo*, v. 30, p. 9-21, 2014.
- RINGA, Virginie; DITER, Kevin; LABORDE, Caroline; BAJOS, Nathalie. "Women's sexuality: from aging to social representations". *The Journal of Sexual Medicine*, v. 10, p. 2399-2408, 2013.
- ROSTOSKY, Sharon; TRAVIS, Cheryl. "Menopause and sexuality: ageism and sexism unite". In: TRAVIS, Cheryl; WHITE, Jacquelyn (Ed.). *Sexuality, society and feminism*. Washington: American Psychological Association, 2000. p. 181-203.
- SAMPAIO, Maria Manuela A. *Escola de educação sexual*. Lisboa: Livros Horizonte, 1987.
- SHEA, Jeanne. "Older women, marital relationships, and sexuality in China". *Ageing International*, v. 36, p. 361-377, 2011.
- SPRING, Lyba. "Older women and sexuality – are we still just talking lube?". *Sexual and Relationship Therapy*, v. 30, n. 1, p. 4-9, 2014.
- TAJFEL, Henri; TURNER, John C. "An integrative theory of intergroup conflict". In: POSTMES, Tom; BRANSCOMBE, Nyla R. (Ed.). *Rediscovering social identity*. New York: Psychology Press, 1979. p. 173-190.
- TEIXEIRA, João António Pinheiro. *100 perguntas sobre a educação sexual*. Lisboa: Novo Livro, [n.d.].
- TOLMAN, Deborah. *Dilemmas of Desire. Teenage Girls talk about sexuality*. Cambridge, Massachusetts & London: Harvard University Press, 2002.
- TORRES, Anália. *Divórcio em Portugal, ditos e interditos – uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora, 1996.
- TORRES, Anália. *Casamento em Portugal – uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora, 2002.
- TRUDEL, Gilles; VILLENEUVE, Laurence; PRÉVILLE, Michel; BOYER, Richard; FRÉCHETTE, Virginie. "Dyadic adjustment, sexuality and psychological distress in older couples". *Sexual and Relationship Therapy*, v. 25, n. 3, p. 306-315, 2010.
- VASCONCELLOS, Doris; NOVO, Rosa Ferreira; CASTRO, Odair Perugini de; VION-DURY, Kim; RUSCHEL, Ângela; COUTO, Maria Clara Pinheiros de Paula; COLOMBY, Patrick de; GIAMI, Alain. "A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural". *Estudos de Psicologia*, v. 9, n. 3, p. 413-419, 2004.
- VAZ, Júlio. *Educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta, 1996.
- WOLOSKI-WRUBLE, Anna C.; OLIEL, Yulia; LEEFSMA, Miriam; HOCHNER-CELNICKER, Drorith. "Sexual activities, sexual and life satisfaction, and successful aging in women". *The Journal of Sexual Medicine*, v. 7, p. 2401-2410, 2010.

YUN, Okjong; KIM, Miyoung; CHUNG, Seung Eun. "The sexuality experience of older widows in Korea". *Qualitative Health Research*, v. 24, p. 474-484, 2014.

[Recebido em 20/09/2016,
reapresentado em 10/04/2018
e aprovado em 11/04/2018]

Experiences and Perceptions of Sexuality of Portuguese Women over 65 years


Abstract: *This study aims at understanding the sexual experiences and perceptions of Portuguese women over 65 years of age. Individual semi-structured interviews were made to 13 women (7 married and 6 widows), aged between 66 and 85 years of age, and the data gathered was analysed using thematic analysis. From this analysis 5 themes stood out – Perceptions about gender roles, Sex "obligation", Sexuality and ageing, Fears of marriage and sexuality and Sexual Education. To the participants facing the ageing derived changes, such as the end of a sexual obligation or as an opportunity to readapt sexually, are completely connected with the conjugal relation established and the ideologies that both couple members have.*

Keywords: *Woman, aging, sexuality, gender roles, experiences and perceptions*


Sara Queiroga (sara.santos.queiroga@gmail.com) é membro da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

 0000-0001-5123-5676

Sara Isabel Magalhães (saramagalhaes@fpce.up.pt) é membro do Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

 0000-0002-2924-3714

Conceição Nogueira (cnogueira@fpce.up.pt) é membro do Centro de Psicologia da Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, Portugal.

 0000-0002-9152-754X